

## Vetores de transnacionalização da Neomexicanidade<sup>1</sup>

RENÉE DE LA TORRE

Neste capítulo, descrevo os principais vetores que têm acionado a circulação, o trânsito ou a emigração de rituais pré-hispânicos e indígenas considerados como patrimônio do movimento religioso conhecido como Mexicanidade. Embora os vetores sejam considerados rotas ou caminhos que conduzem de um lugar a outro, aqui serão considerados como os agentes que transportam algo de um lugar a outro. Neste caso particular, me interessa apresentar quais têm sido os agentes, as dinâmicas e as vias de transnacionalização de alguns bens simbólicos sobre os quais se fundou o movimento espiritual da Neomexicanidade que, como explicaremos mais adiante, refere-se a uma versão híbrida de uma espiritualidade indígena de herança pré-hispânica, previamente ressignificada e ressimbolizada pela matriz Nova Era.



<sup>1</sup> Traduzido por Adriana Kerchner da Silva e Cyrano da Rosa. Supervisão: Liliam Ramos da Silva.

O objetivo, portanto, é descrever os caminhos e vertentes de globalização e transculturação de bens espirituais associados à Neomexicanidade, focando nas reapropriações simbólicas (seus significados e reinterpretações) e nos usos funcionais (diferentes apropriações) que se adequam aos distintos circuitos especializados por onde circulam e são realizados os intercâmbios transnacionais.

Meu interesse não é falar dos processos de desterritorialização (como geralmente fazem os estudos sobre globalização), tampouco considerar (como já fizemos anteriormente) os processos de reterritorialização e de ressignificação do Nova Era (etnizado, tradicionalizado ou patrimonializado). Neste trabalho, busco estabelecer os principais vetores que transportam bens religiosos, nos quais se reconhecia o mais genuinamente mexicano (indígena ou pré-hispânico), a distintos pontos de distribuição e consumo localizados em diferentes e distantes lugares do planeta.

Reconhecer os vetores da transnacionalização de uma tradição obriga-nos a acompanhar o movimento das práticas, agentes e objetos simbólicos referidos a essa tradição, para ir descrevendo os “relatos de viagem” que atravessam e organizam lugares, produzindo uma nova geografia transnacional e uma nova ordem que articula experiências que anteriormente estavam dispersas ou não eram assimiláveis dentro das demarcações tradicionais preexistentes (De Certeau, 1996, p. 125). Por exemplo, os estudos de etnografia multissituada permitiram ver que os símbolos e rituais espalhados em diferentes espaços podem ser considerados como uma tática para recuperar sentidos que religam cultura e território (Segato, 2007). Também se considerou a simultaneidade de práticas que ocorrem em distintos contextos nacionais, que produzem efeitos comuns, que articulam acontecimentos e experiências simultâneas e que permitem falar sobre um campo multilocal ou transnacional (Levitt e Glick Schiller, 2004). Entretanto, carregar a religião consigo no processo da diáspora ou ser um agente polinizador, exportador e difusor de religiosidades, também gera intercâmbios transculturais, que não

apenas apontam em direção à hibridização, como também à multiplicação de raízes e à recuperação (em geral imaginada) de linhagens ancestrais (Argyriadis e De La Torre, 2008). Desse modo, ao contrário da tese de que a globalização destaca a perda de raízes (Martín Barbero, 2003), o estudo da transnacionalização das tradições mostra que essa mobilidade cultural territorial é fator de multiplicação de raízes, linhagens ancestrais, nações originais, povos originários etc. (Capone, 2004). A transnacionalização religiosa permite ampliar a presença e a influência de culturas de base étnica, racial e nacional para além das fronteiras locais e nacionais. Inclusive, é geradora de concepções e projetos de “transnações”, referindo-se ao ressurgimento de nações a partir de limites e de fronteiras que não coincidem com os estados nacionais, mas que recorrem à espiritualidade para gerar narrativas de nações transnacionais (Oro e Mottier, 2012; Fancello e Mary, 2012; De La Torre e Gutiérrez Zúñiga, 2012a e 2012b).

Como já explicamos em trabalhos anteriores, diferentemente dos estudos sobre a globalização (Argyriadis e De la Torre, 2012; Capone e Mary, 2012), o interesse pela transnacionalização da religiosidade é uma aposta para considerar as relações interlocais, sem perder de vista que, de acordo com Ong (1999), o “trans” remete não somente ao cruzamento de fronteiras nacionais, mas também às dinâmicas transversais (que não são unidirecionais ou unicentradas, mas que, pelo contrário, conectam-se a vários pontos), transacionais (implicam negociações entre diferentes lógicas de ação, valorização e representação) e transgressivas (que muitas vezes geram híbridos que transgridem as categorias preestabelecidas para o reconhecimento de identidades nos contornos nacionais ou regionais).

A transnacionalização da Neomexicanidade ocorre em dois circuitos, diferenciáveis, mas muitas vezes interrelacionados. O primeiro está ligado ao movimento de mexicanidade radical, cujo vetor de transnacionalização foi o da migração e da diáspora entre as populações de mexicanos nos Estados Unidos pertencentes ao movimento chicano. Tanto a apropriação das narrativas, símbolos e cerimônias ritualísticas da

mexicanidade quanto a reinvenção dos elementos culturais de pureza autóctone da nação imaginada de Aztlán foram reterritorializadas para gerar um resgate de suas raízes. O segundo circuito (o qual analisaremos neste capítulo) é a Neomexicanidade, um híbrido entre as cosmovisões indígenas e pré-hispânicas e a espiritualidade Nova Era.

O interesse por este tema reside em destacar que a transnacionalização das espiritualidades neoíndias (como é o caso particular da Neomexicanidade) não segue a mesma via que os estudos da transnacionalização gerados pela globalização, que é unidirecional “desde um centro globalizado a uma periferia passiva, onde a religião toma uma forma neocolonial de imperialismo cultural” (Csordas, 2009, p. 3). Nem mesmo acompanha as rotas de migração (Capone e Mary, 2012), cujos estudiosos observam a maneira em que o trânsito humano de um país a outro não impede que, ao cruzar fronteiras nacionais, desloquem e levem consigo suas crenças, práticas, valores e rituais que contribuirão para a construção de comunidades étnicas e até mesmo diaspóricas (estabelecendo laços com as comunidades de origem) em âmbitos estrangeiros. Também não se corresponde com os estudos sobre a diáspora religiosa, pois não consegue configurar lógicas coerentes de campos transnacionais (Levitt e Glick Schiller, 2004) que coloquem em operação a simultaneidade das práticas religiosas que articulam espaços e comunidades descontínuas territorialmente. Por isso, se faz necessário pensar em como abordar seus deslocamentos e transformações transnacionais e dar conta das lógicas que os põem em circulação e, posteriormente, nos efeitos ambivalentes da ressignificação de valor e uso que têm sobre os rituais, símbolos, narrativas e tradições próprias da Neomexicanidade.

## A Nova Mexicanidade ou Neomexicanidade: hibridização Nova Era do legado pré-hispânico

Neomexicanidade ou Nova Mexicanidade são sinônimos que se referem a uma corrente cultural híbrida e eclética espiritualmente, mas com

centralidade nas culturas de origem indígena do México. São resultados da reinterpretação Nova Era da Mexicanidade. A ideologia neomexicana mistifica e idealiza a cultura pré-hispânica e certas expressões indígenas como acesso a sabedorias ancestrais.

Desde o século XIX, as escolas esotéricas contribuíram para exotizar o imaginário do México como um território onde esteve presente um antigo império, cujas sabedorias permaneceram ocultas nos vestígios dos centros cerimoniais pré-hispânicos, inclusive no sincretismo praticado pela religiosidade popular, e que devem ser decifradas para dar respostas ao presente. Os segredos inscritos nos vestígios arqueológicos foram parte do interesse de diferentes mestres esotéricos, como Helena Blavatsky, fundadora da Teosofia; Serge Raynaud de la Ferrière, astrólogo francês fundador da Grande Fraternidade Universal, e Samael Aun Weor, líder da Antropologia Gnóstica. Esses importantes mestres das escolas esotéricas viajaram ao México para estudar as inscrições, conhecimentos negados pelo Ocidente, focando no estudo do mistério das pirâmides, dos conhecimentos astrológicos e dos calendários inscritos na Pedra do Sol (calendário Asteca), do conhecimento sobre o cosmos e a matemática que tinham os maias, ou da misteriosa origem dos Atlantes de Tula, construídos pelos Toltecas (De la Torre e Gutiérrez Zúñiga, 2016). As teorias esotéricas permitiram exaltar o passado pré-hispânico, valorizado como forma de organização-modelo para enfrentar a modernidade, e alimentaram o imaginário de crenças milenares com as quais anunciaram a restauração dos valores da antiga civilização capaz de sobrepujar o cristianismo e a modernidade (De la Peña, 2002).

Na década de 1950, tendo como contexto o nacionalismo cultural, surge o Movimento Confederado Restaurador da Cultura do Anáhuac, que promoveu a criação de *calpullis*, ou escolas, para reaprender e resgatar os costumes de raiz indígena, o conhecimento e o uso da língua náhuatl. A partir da década de 1970, as narrativas e valores próprios do movimento da espiritualidade Nova Era fazem-se presentes no México e articulam-se com as práticas da mexicanidade, em especial

estabelecendo uma analogia entre o milenarismo da chegada da Era de Aquário e o anúncio do despertar do Sexto Sol<sup>2</sup>, que juntos anunciam uma nova época, na qual o México, lugar guardião de uma cultura milenar, será um lugar-chave para o despertar de uma nova consciência. A matriz Nova Era contribuiu para reinterpretar o resgate nacionalista do indígena e pré-hispânico com novas finalidades, como a reconexão com a natureza e o cosmos, a busca pelo aperfeiçoamento interior, a sacralização da feminização e a espiritualização de suas tradições religiosas. A crença difundida mundialmente de que estaríamos vivenciando uma mudança de Era (a Nova Era de Aquário), a partir dos anos de 1980, gerou uma versão hibridizada da Nova Mexicanidade ou Neomexicanidade, que encorajou uma abertura tolerante em relação ao conjunto das tradições sagradas do planeta, indo além da xenofobia de muitos mexicanistas, e [preconizou] a prática de todas as formas de hibridismo cultural. A interpenetração do simbolismo autóctone indígena com as doutrinas cristãs, esotéricas (alquimia, astrologia, teosofia) e orientalistas (budismo, hinduísmo, islamismo) justifica a criação de rituais sincréticos (o kumbha Mela Solar), de danças transculturais (Citlalmina) ou de métodos sintéticos (a yoga maia ou a geomancia baseadas no I Ching e no calendário maia) (De la Peña, 2002, p. 213).

Os significados próprios da sensibilidade e espiritualidade Nova Era reinventaram e refuncionalizaram diferentes cerimônias e rituais étnicos, como a dança ritual *conchera*, o banho de temazcal, o calendário lunar, as cerimônias neoxamânicas com plantas de poder (em especial o peíote) e contribuíram para mitificar ainda mais tais práticas como depósitos de sabedorias herdadas pelos antigos povos do México



<sup>2</sup> Essa crença baseia-se na “Consigna de Cuauhtémoc”, segundo a qual Cuauhtémoc (o último imperador asteca), antes de ser capturado pelos conquistadores espanhóis em 1521, pediu a seu povo que “ocultassem tudo o que amavam e consideravam um tesouro, conservando o conhecimento por meio da cultura oral” (Güemes, 1984). A Consigna retoma um sentido profético, pois, segundo a tradição Asteca, depois de quinhentos anos aconteceria o início da era do Sexto Sol, que anuncia que, a partir de 1989, ressurgiria um tempo da restauração e despertar da cultura mexicana (De la Peña, 2002).

pré-hispânico, agora não vistos como bárbaros, assim como suas sabedorias não configuram meras superstições. Sua visão holística habilitou a reinterpretação do curandeirismo, da religiosidade popular sincrética e do animismo, ainda vigentes nas tradições populares dos povos indígenas e dos setores populares urbanos, como expressões de espiritualidades de ordem superior, com capacidades harmonizantes da relação do indivíduo com a natureza e o cosmos, e com propriedades de cura holística (corpo-mente-espírito).

Neste capítulo, pretendo considerar seis vetores de transnacionalização que compreendem a exotização do antigo império pré-hispânico (maias, olmecas, astecas) como possuidores de uma sabedoria milenar: o circuito de neoxamãs; os buscadores espirituais e seu efeito polinizador de culturas e religiosidades; a constelação de comunidades e escolas de formação de aprendizes Nova Era; os espaços nodais (*ashrams*, ecoaldeias, centros holísticos, comunidades utópicas ou *calpullis*) que articulam a circulação de adeptos na rede; os eventos-chave que se referem a celebrações e acontecimentos onde confluem em um tempo os diversos agentes presentes na rede da espiritualidade holística; e, por último, a mediação do mercado e as indústrias culturais que divulgam massivamente a Neomexicanidade, atraindo novos adeptos por meio do turismo e do consumo de literatura, serviços, bens e mercadorias.

### *O circuito de neoxamãs, os buscadores espirituais e seu efeito polinizador de culturas e religiosidades*

Integrados em uma rede mais vasta de espiritualidade Nova Era e Caminho Vermelho, os principais difusores transnacionais da Neomexicanidade são:

José Argüelles (ideólogo e colaborador de *La conspiración de Acuario* e autor de *O fator maia*) foi quem revelou e propagou a lenda que anunciava uma profecia maia com mudanças para a nova era, datada para dezembro de 2012 (De la Torre e Campechano, 2014). Argüelles difundiu

suas teorias do Calendário das 13 Luas ministrando cursos e oficinas em diferentes países. Publicou uma considerável quantidade de livros e foi muito ativo na venda – pela internet – de suas publicações. A partir de 2000, promoveu a criação de um movimento mundial conhecido como *A lei do Tempo*, baseado em viver de acordo com o Calendário das 13 Luas, com meses de 28 dias, que havia sido idealizado pelos maias. Segundo suas teorias, este calendário é uma perfeita conta do tempo, e ele o promovia como a única esperança para que a humanidade pudesse evitar as destruições ambientais que ameaçam o planeta Terra. O Calendário das 13 Luas (por ser natural, harmônico, uniforme e ordenado) procura substituir o atual calendário gregoriano, percebido pelos seguidores de Argüelles como uma imposição arbitrária para estender o domínio latino sobre a humanidade. Diferentes seguidores do Nova Era, sobretudo os que têm inquietudes ambientalistas e ecofeministas, têm adotado o Calendário das 13 Luas, considerando que ele permitirá restabelecer a harmonia dos seres humanos com o cosmos e com o ciclo feminino de 28 dias. O próprio Argüelles estimava que, em 2003, existiam por volta de 150.000 a 200.000 seguidores do Calendário. O Calendário não proclama somente um estilo de vida, mas também uma utopia, já que se acredita que é o caminho para acessar uma nova consciência cósmica, em harmonia com os ciclos do universo. Ele também tem sido retomado por círculos de mulheres ecofeministas que recuperam e sacralizam o ciclo menstrual.

Domingo Días Porta, equatoriano radicado no México, foi um antigo guru da Grande Fraternidade Universal Domingo Días Porta, discípulo de José Manuel Estrada na fundação da Linha Solar desta instituição, considerada a principal divulgadora do Nova Era na América Latina (através do yoga e do vegetarianismo). É o fundador de um movimento iniciático esotérico enraizado na América indígena conhecido como MAIS (*Mancomunidad de la América Iniciática Solar*, em espanhol) (García Medina, 2010). O MAIS foi fundado em 1970 e representou a indianização do Nova Era, promovida pela Grande Fraternidade

Universal, bem como a “novaerização” das tradições pré-hispânicas ou pré-colombianas e indígenas (Gutiérrez Zúñiga e García Medina, 2012). Domingo Días Porta tem sido um artífice não só da Neomexicanidade, mas também da neoindianidade. Os *maises* (lugares inspirados na concepção dos *ashrams*) se expandiram em distintas cidades do México e da América do Sul, fundando comunidades que promoveram um movimento “neoíndio”. Este movimento aspirava alcançar a unidade entre os povos da América, unindo os povos da águia (norte) aos do condor (sul), estabelecendo um conselho de anciões indígenas. Por um lado, estabeleceu vínculos e intercâmbios entre o Nova Era e tradições indígenas, em particular, com reconhecidos homens-medicina (navajos, cherokees, kunais e huicholes). Ao final de 1983, Días Porta fundou o primeiro *ashram-calpulli*, denominado Teopanti Kalpulli, perto da cidade de Guadalajara, que serviu de sede de diferentes cerimônias indígenas com buscadores espirituais *new agers*. Especialmente neste lugar, foram realizadas as primeiras cerimônias de temazcal, dança *conchera*, dança do sol e busca pela visão, praticadas por mestiços urbanos. Posteriormente, foram fundados *maises* e comunidades em diferentes lugares do continente americano, onde se fomentava uma forma de vida baseada em cultivar a terra, promover a homocultura, fazer artesanatos para compensar a tendência ao consumo, aprender línguas autóctones para adentrar no mundo mental indígena, conhecer os calendários antigos (que se conectavam ao calendário lunar de Argüelles) e visitar as comunidades autóctones, para aprender sobre os ensinamentos que as etnias tradicionais podem proporcionar (Carrillo, 2010). O MAIS participa ativamente nas “Convergências Harmônicas” (que reúnem em um mesmo dia milhões de praticantes em diferentes lugares do mundo) e no “Kanto da Terra” (cerimônias vinculadas com as tradições *siux-lakotas* desde 1989). Em 1992, as “Jornadas de Paz e Dignidade” consistiram em uma marcha de relevância continental que propagou o neopaganismo do Caminho Vermelho pelo continente sul-americano. Destes eventos participam seguidores dos diferentes circuitos da espiritualidade alternativa Nova Era, juntamente com os anciões guardiões das tradições indígenas.

Antonio Velasco Piña é autor de vários livros e sua obra principal é o romance *Regina. 68 no se olvida*. Esse livro, para muitos, é um romance, mas, para o autor e seus seguidores, é um testemunho histórico de um grande acontecimento espiritual que anuncia o despertar do México profundo. Em suas páginas, além disso, sustenta-se um discurso mítico e profético do despertar da mexicanidade à luz de uma aliança espiritual com o Tibet, contribuindo com símbolos e teorias para reinterpretar a história do México em termos de um despertar espiritual para a nova mexicanidade (Velasco Piña, 1987). Seu livro também proporciona chaves de atividade ritual para continuar com a missão empreendida por Regina. A personagem de Regina converteu-se no emblema de um movimento espiritual neomexicano conhecido como “reginos”. Sobre isso, em entrevista, Velasco Piña esclareceu:

O livro não é mais que um testemunho pessoal. Há muita gente que está insistindo no erro de crer que Regina é uma personagem do livro, que não pode sair do livro, e isso é totalmente falso. O importante não é o livro, o importante é a personagem e esta personagem produziu toda uma série de consequências por si mesma. A personagem, não o livro, inspirou poesias, esculturas, musicais, até fez coisas muito mais importantes, como motivar as consciências das pessoas para fazer transformações. Não passa sempre muito tempo sem que eu me surpreenda com um novo descobrimento de tantos que já tive (Entrevista pessoal de Antonio Velasco Piña, maio de 2008)<sup>3</sup>.

**Regina é a protagonista de um despertar espiritual da Nova Era no México. No entanto, para muitos de seus seguidores, é considerada como**



<sup>3</sup> No original: El libro no es más que un testimonio personal. Hay mucha gente que está metida en el error de creer que Regina es un personaje del libro, que no se puede salir del libro, y eso es totalmente falso. Lo importante no es el libro, lo importante es el personaje y este personaje ha producido toda una serie de consecuencias por sí misma. El personaje no el libro, ha inspirado poesías, esculturas, musicales, hasta ha hecho cosas mucho más importantes como es motivar las conciencias de la gente para hacer transformaciones. No pasa siempre mucho tiempo sin que yo me sorprenda con un nuevo descubrimiento de tantos que ha tenido (Entrevista personal a Antonio Velasco Piña, mayo de 2008).

guia de uma espiritualidade eclética, vinculada aos valores do neopaganismo e do neoindianismo, que reivindica distintas tradições autóctones (astecas, maias, olmecas ou zapotecas), mas que se abre ao diálogo com outras tradições culturais (o hinduísmo, o budismo e o Islã).

Para muitos de seus seguidores, o livro é um testemunho de uma verdade. É considerado um livro sagrado. Como menciona a líder do primeiro círculo de Reginas em Guadalajara:

Para mim foi absolutamente verdadeiro o romance de Regina. É algo tão real e tão esperado na minha vida. E eu segui seus ensinamentos. Eu leio Regina e digo: Que imaginação de Velasco Piña!, mas tem um discurso que consegue gerar uma coerência [...] Para mim, em toda a minha busca, Regina tem sido um ser excepcional que me deu muitas chaves e pistas e eu tenho tentado seguir Regina (Entrevista pessoal com Patricia Ríos Dungan, setembro de 2005)<sup>4</sup>.

A doutrina mexicanista encontra-se aqui integrada a um projeto planetário, cujo fim é compartilhado pelos seguidores *new agers*: o despertar da consciência cósmica (De la Peña, 2002, p. 81). Porém, com a especificidade de que promove a adoção de “‘nossas’ culturas pré-hispânicas, [que] foram extraordinárias as quatro. As quatro (*sic*) nos deixaram uma herança que é nosso mais valioso tesouro. Se soubermos aproveitá-lo corretamente, encontraremos modelos extraordinários para enfrentar a desumanização e a crise ambiental do planeta” (Velasco Piña em palestra).

Essa corrente espiritual, referida por seus seguidores como uma “tradição sagrada”, era formada originalmente por círculos femininos,



<sup>4</sup> No original: Para mí fue absolutamente verdadera la novela de Regina. Es algo tan real y tan esperado en mi vida. Y yo he seguido sus enseñanzas. Yo leo a Regina y digo ¡Qué imaginación de Velasco Piña!, pero tiene un discurso que logra generar una coherencia. (...) Para mí, en toda mi búsqueda, Regina ha sido un ser excepcional que me ha dado muchísimas claves y pistas y que yo he tratado de seguir a Regina. (Entrevista personal con Patricia Ríos Dungan, septiembre 2005).

que se reuniam para recuperar o sentido sagrado de sua feminilidade. O movimento regino gerou, além disso, um intercâmbio cultural entre a tradição sincrética da religiosidade indígena mexicana com o budismo. Fundou a Casa Tibet no México e convocou monges budistas para participarem de rituais em templos antigos das civilizações mesoamericanas, para provocar o despertar da energia da mexicanidade que, segundo assegura o movimento, permaneceu adormecida durante séculos. Nestas cerimônias, estabeleceram-se vínculos e intercâmbios entre os buscadores espirituais da corrente Nova Era com os *abuelos* guardiães da tradição indígena (dirigentes indígenas, capitães das danças *concheras*-astecas, curandeiras e xamãs) e os monges tibetanos, e formaram uma nova modalidade de dança híbrida que denominaram Citlalmina (González Torres, 2005). Os rituais de velação que celebram são ecumênicos; neles estão presentes os símbolos do catolicismo popular sincrético com os de outras culturas ancestrais, como a hinduísta, a budista, a celta, a maia ou a asteca.

Os reginos inspiraram-se nas teorias do despertar da consciência mediante as danças sagradas desenvolvidas pelo místico russo George Iván Gurdieff, valorizadas como livros transmissores de segredos ancestrais enquanto técnica de balanço energético; e, na busca da versão mexicana, encontraram as danças *concheras*: um ritual sincrético entre o catolicismo e a cosmovisão indígena otomí. Essa tradição foi escolhida por “sua profunda religiosidade, sua devoção pelos santos e rituais que os [reginos] definiam como possuidores de um conhecimento milenar: os herdeiros de uma antiga tradição que deveria ser aprendida para renovar a energia cósmica que passou do Tibet ao México” (González Torres, 2005, p. 171). As danças foram ressignificadas pelos reginos como o instrumento do despertar dos chacras, porque creem que nos seus ritmos e sons se transmitem códigos para despertar a memória genética. O toque do tambor, o sopro das conchas, os movimentos “cósmicos” da dança *conchera*, os timbres das vozes que são entoadas nos cantos de louvor, o som guardado na carapaça do tatu (com a qual se confeccionou

a *guitarrita*, principal instrumento musical da dança) são considerados geradores de ressonâncias vibracionais para despertar a memória adormecida na consciência que, segundo os reginos, sobrevive a nível genético. Acredita-se que os sons geram vibrações que impactam na ressonância magnética, produzindo efeitos telúricos nos campos eletromagnéticos da Terra e do universo, as mesmas que permitem articular o sentido das cerimônias dancísticas, tanto ao despertar da consciência individual, quanto à conexão e despertar da Mãe Terra.

O símbolo de Regina foi retomado por diferentes grupos e movimentos. Na cidade de Guadalajara, Patricia Ríos Dungan iniciou círculos de Reginas em torno do ritual do *inipi* sagrado, o *temazcal*, articulado com o Caminho Vermelho na tradição *lakota* (Ríos Dungan, 2012). Regina é valorizada por Alberto Ruz, líder das Caravanas Arco-íris e fundador da ecoaldeia *Huehuécóyotl*, como o arquétipo da mulher guerreira espiritual contemporânea, e difundiu-a por distintos países da América do Sul como simbolização dos valores do respeito à feminilidade sagrada e ao compromisso ambientalista com o planeta (Ruz Buenfil, 2002, p. 175). Além disso, curandeiras e sacerdotisas contemporâneas, reconhecidas como *abuelas*, se identificam com o símbolo de Regina tanto no México quanto em outros países. Regina foi incorporada ao movimento de danças *concheras* na Espanha, liderado por Emilio Fiel, reconhecido líder do movimento espiritual alternativo no país, dirigente do movimento “hispanekas” (De la Torre e Gutiérrez, 2011a). Também foi inspiração de círculos femininos no País Basco (Goicolea, 2002), implementada pelo grupo de teatro musical japonês *Regina, Cosmic Love* para resgatar suas tradições teatrais e abraçada por um grupo de coristas sagrados para resgatar as tradições celtas na França. Como explicou uma participante desse grupo:

Nós viemos da França, começamos com a tradição lá, porque é uma tradição que abraça todas as demais tradições. Estamos no bosque sagrado de Merlin, onde está a tradição celta, que tem muito em comum. O Wicca e o [Regina] daqui se parecem

e isso nos ajuda muito. Porque na França não tem bases fortes, tudo pode acontecer, estamos em busca. No México pessoas de todas as idades formam essas bases. Os jovens no tremor de 85 ajudaram, não roubaram. Na França teria sido diferente. Por isso estamos trabalhando (Entrevista pessoal realizada por Cristina Gutiérrez Zúñiga e Renée de la Torre em 1º de outubro de 2012).<sup>5</sup>

Alberto Ruz Buenfil representa a corrente hippie e ambientalista na Nova Mexicanidade. É o líder do movimento conhecido como Tribos Arco-íris. Desde finais da década de 1960, empreendeu viagens e caravanas fazendo psicoteatro, percorrendo diferentes *ashrams* e comunidades indígenas. Alberto Ruz, além de ser teatreiro, foi o responsável por implementar o teatro como uma maneira de recriar um mundo possível, distinto do existente, mas que, ao vê-lo representado, projeta a utopia do que pode ser o mundo de acordo com o que pode ser sonhado ou atuado, sendo também um incansável guia das Caravanas Arco-íris. Ele também tem promovido ecoaldeias e ecobairros: “A comunidade não é um *ashram*. Também não é um hotel do tipo centro de oficinas e terapias como é o Chrisgaia; é sobretudo um lugar que concentra e concretiza um modo de vida alternativa” (Entrevista com Alberto Ruz Buenfil, em 3 de outubro de 2012).

No entanto, tem sido principalmente um articulador de redes e circuitos para tecer projetos comuns na confluência da neomexicanidade, convocando líderes alternativos e chefes tradicionais nos Conselhos de Visões. Na década de 1980, regressou ao México e fundou a primeira ecoaldeia do país, chamada *Huehucóyotl* (em Tepoztlán, no estado



<sup>5</sup> No original: “Nosotros venimos de Francia, hemos comenzado con la tradición allá, porque es una tradición que abraza a todas las demás tradiciones. Estamos en el bosque sagrado de Merlín, en donde está la tradición celta, que tiene mucho en común. Lo Wicca y lo de aquí se parecen y eso nos ayuda mucho. Porque en Francia no hay bases fuertes, todo puede pasar, estamos en búsqueda. En México los de todas las edades forman esas bases. Los jóvenes en el temblor del 85 ayudaron, no robaron. En Francia hubiera sido distinto. Por eso estamos trabajando” (Entrevista personal realizada por Cristina Gutiérrez Zúñiga y Renée de la Torre, 1 de octubre de 2012). Rodrigo, nos originais anteriores, não apareciam aspas. É preciso escolher com ou sem aspas e uniformizar em todo o livro. Gerusa

de Morelos) (Ruz Buenfil, 2012). Esse lugar abriga importantes projetos globais do Nova Era ambientalista, como o Instituto Internacional de Facilitación y Cambio; a defesa contra o milho transgênico; a Rede de Ecoaldeias da América; a Nestimar (uma empresa de terapia floral); a Universidade Gaia (que oferece cursos on-line de permacultura, ecoaldeias e tecnologias ambientais) e a Associação Cultural Chakaruna, que oferece cursos de xamanismo indoamericano e conduz peregrinações espirituais ao México, Peru e Equador (Comneno, 2012, p. 109). Partindo dessa comunidade utópica, foram empreendidas diferentes peregrinações de reabertura dos antigos centros espirituais nos principais centros arqueológicos (em que participou Argüelles). Também participaram n'A Conquista Espiritual da Europa, em 1992, como parte do movimento de resistência cultural à Comemoração do Quinto Centenário do Encontro de dois Mundos (Europa e América), que envolveu redes *newagers* da Espanha e do México, por meio da aliança de Ruz Buenfil com Emilio Fiel (primeiro capitão *conchero* da Europa, líder de Chrisgaia e guru dos hispanekas) (De la Torre e Guetiérrez Zuñiga, 2011b). Esse encontro propiciou a transnacionalização da tradição da dança ritual *conchera* (também conhecida como dança asteca) para a Espanha, França e Alemanha, entre as redes Nova Era do continente europeu, e o começo de uma nova identidade hibridizada.

Desde 1994, vários integrantes das Tribos Arco-íris empreenderam a odisseia conhecida como as Caravanas Arco-íris, que saíram do México em direção à América do Sul em ônibus batizados como *mazorcas*, ou espigas de milho, promovendo um modelo de ecoaldeia itinerante. A viagem percorreu distintos países que fazem parte da América do Sul (até a Patagônia, no Cone Sul) e visitou diferentes comunidades alternativas e também povoados indígenas. No seu trajeto, as Caravanas Arco-íris realizaram centenas de palestras, apresentações de teatro, oficinas, caminhadas, rituais neonativos, festivais artísticos enfocados no despertar da consciência ecológica, feminina e de revalorização dos indígenas (Ruz Buenfil, 2005). Especialmente, promovem o teatro como “uma

maneira de recriar um mundo possível distinto do existente, mas que, ao vê-lo representado, projeta a utopia do que pode ser o mundo de acordo ao que pode ser sonhado ou atuado” (Ibid, entrevista com Ruz Buenfil).

A seguir, identificaremos os principais vetores que habilitam a transnacionalização deste movimento espiritual.

## 1. Circuito de gurus, neoxamãs e líderes

Os agentes de transnacionalização e hibridização, reconhecidos como guias, mestres, chefes ou líderes, são, por um lado, protagonistas de comunidades utópicas que reconhecem uma nomenclatura, símbolos de identificação, conferem estilos de vida e praticam ciclos rituais bem definidos. Mas são também agentes nodais com grande capacidade de mobilidade e deslocamento para construir multipertencimentos que permitem ser articuladores de relações e intercâmbios interlocais com a rede global. São também intelectuais que têm construído narrativas e interpretações do Nova Era e, devido ao seu domínio de linguagens, de traduzibilidade de diferentes partes de crenças de distintas culturas, são agentes de translocalidade (Fancello, 2006). Seus ensinamentos e relações concentram os vínculos em comunidades e movimentos concretos, bem como ativam constantemente encontros e intercâmbios entre diferentes comunidades, grupos e culturas com amplas distâncias geográficas, étnicas, raciais e culturais. Podemos definir esses agentes nodais como gurus ou líderes intelectuais dos movimentos espirituais, atuando também como os seus principais divulgadores mundiais. Na maioria das vezes, são autores de livros famosos (*best-sellers* traduzidos em diferentes idiomas). Eles têm uma presença visível nos meios de comunicação e são também reconhecidos pelos buscadores espirituais, viajantes de uma comunidade à outra em busca de novas aprendizagens e experiências. São os fundadores de centros holísticos (comunidades utópicas e ecovilas, *ashrams* ou *calpullis* onde normalmente vivem com seus aprendizes)

que servem de modelos utópicos de outras comunidades espalhadas em diferentes cantos do planeta.

## 2. Os buscadores espirituais e seu efeito polinizador de culturas e religiosidades

Os promotores de espiritualidades híbridas e ecléticas ampliam relações sociais e intercâmbios culturais entre redes cosmopolitas globais de buscadores espirituais e xamãs (homens-medicina, curandeiros e demais especialistas em rituais provenientes de comunidades tradicionais); entre campos especializados (especialmente saúde, ciência, religião e arte) e circuitos Nova Era ou neo-esotéricos que circulam por um mercado mundial oferecendo oficinas e/ou fundando centros holísticos que promovem o conhecimento holístico. Tais promotores são polinizadores<sup>6</sup> de espiritualidades e tradições híbridas, semelhantes às abelhas, pois, ao visitarem tanto mestres quanto comunidades indígenas tradicionais, são em si mesmos vetores de hibridização entre distintas classes de tradições e movimentos espirituais cosmopolitas. Com seus trânsitos, que intercalam os papéis de mestre/aluno, vão tecendo conexões e intercâmbios culturais entre diferentes tradições espirituais, que são posteriormente assimilados e apropriados em novos contextos, em geral, contextos urbanos das grandes cidades. Desta maneira, consideramos que a polinização gera transferências e intercâmbios culturais e novos hibridismos entre os grupos e comunidades nativas e a vasta rede de buscadores espirituais reconhecidos como cosmopolitas que compõem a ampla teia da rede espiritual alternativa Nova Era (De la Torre, 2014). Isso tem contribuído também para gerar uma circulação e mobilização de agentes religiosos, relatos, rituais, técnicas e símbolos que relacionam às tradições indígenas de herança pré-hispânica o denso circuito mundial

//////////

<sup>6</sup> Retomo o termo “polinizadores” ou “butinagem” de Soares que, com esta metáfora, define os agentes religiosos itinerantes entre diferentes congregações religiosas que, mediante seu trânsito, acionam uma dinâmica de circulação religiosa multidirecional (Soares, 2009).

de espiritualidade Nova Era (ou espiritualidades alternativas às religiões tradicionais). A polinização está incrementando ainda mais a hibridização de tais tradições, que, ao serem reinterpretadas à luz da matriz holística da chamada espiritualidade Nova Era, tendem a fazer do mexicano (maia, tolteca, asteca, pré-hispânico, huichol, indígena) uma marca ou selo de autenticidade de uma espiritualidade autóctone. No entanto, de maneira ambivalente, têm promovido o desaparecimento de suas raízes ao serem associadas a um repertório de espiritualidade universal, como a mistificação dos saberes e poderes espirituais dos antigos povos do Anáhuac (em especial maias, astecas e toltecas) e a mistificação de alguns povos indígenas (sobretudo os huicholes ou wixáricas, hoje reconvertidos em guias de viagens de peiote e em mestres do neoxamanismo pela proposta de Carlos Castaneda).

### 3. Constelação de comunidades e escolas de formação de aprendizes

Embora reiteradamente se afirme que a espiritualidade alternativa Nova Era é uma rede sem líderes claramente identificados (Ferguson, 1981), o movimento da Neomexicanidade é uma rede e, sim, tem líderes claramente identificados. Poderíamos defini-la como uma rede de movimentos espirituais carente de uma liderança única, mas com orientação comum: a reconexão híbrida e seletiva com as raízes indígenas e pré-hispânicas como caminhos para experimentar uma transformação individual e para contribuir com uma mudança de consciência cósmica conforme os valores e sensibilidades propiciados pela Nova Era de Aquário. O mesmo Antonio Velasco Piña se refere assim à potencialidade da relação entre pontos nodais e redes:

É necessário pensar em criar redes entre essas pessoas e esses pontos, porque uma rede puxa, e um ponto não. Esse ponto pode formar um fio, e esse fio pode se converter em uma rede, e a rede, sim, vai puxar, que é já na etapa que segue, digamos, agora mesmo já há muita gente em todas as partes do mundo que têm claramente

consciente que se não elevarem suas consciências e obtiverem sua espiritualidade, não vão alcançar nada, mas muitos deles se sentem isolados também e, bem, eu que faço sozinho, já estou alcançando algo sozinho, necessito me unir com os demais, então temos que nos unir com pessoas que têm os mesmos propósitos, e já estão aqui, tem vários deles, e já estão começando a formalizar redes em todas as partes do mundo (Antonio Velasco Piña em palestra, Guadalajara)<sup>7</sup>. Existem diferentes níveis de envolvimento na rede: residentes que vivem em comunidades eletivas utópicas (conhecidas como *ashrams*, centros holísticos, ecoaldeias, comunidades utópicas ou *calpullis*) que são regidas por regras em um espaço coletivo e nelas são reconhecidas lideranças, guias e mestres presentes na identidade comunitária. Estão também nessas redes os buscadores espirituais e os mestres que visitam continuamente esses lugares-residência que são, por sua vez, escolas de formação para futuros líderes de espiritualidades alternativas. Isso permite uma circulação de aprendizes e mestres entre os grupos, o que tem sido parte do seu êxito na expansão internacional, pois, em muitas ocasiões, mantêm intercâmbios onde circulam bens espirituais e adeptos. A respeito disso, Alberto Ruz explica que, para realizar a Caravana Arco-Íris, foi fundamental essa rede de espaços-comunidades presente no continente americano:

Nossos principais anfitriões foram os (contatos) de Días Porta, os *maises* e os grupos da linha das Treze Luas de Argüelles. (...). É uma rede visível e invisível porque eles têm literatura, porque têm encontros, porque têm festivais, porque têm cursos, porque têm mil coisas, mas que permanecem aqui embaixo, não? Mas porque eu já tinha todos os dados. Eu fui com toda uma lista de gente, que me deu Días Porta, e com as listas dos movimentos de Argüelles,



<sup>7</sup> No original: Se necesita pensar en crear redes entre estas personas y esos puntos, porque una red sí jala, y un punto no jala, un punto puede atraer para formar un hilo, y ese hilo convertirse en red y la red si va a jalar, que es ya en la etapa que sigue digamos, ahorita ya hay mucha gente en todas partes del mundo que tiene claramente consciente que si no se eleva su conciencia y obtiene su espiritualidad no se va a lograr nada, pero muchos de ellos se sienten aislados también y bueno yo que hago solo, ya estoy logrando algo solo, necesito unirme con los demás, entonces hay que unirnos con personas que tienen los mismos propósitos, y ya están aquí hay varios de ellos, y ya se están empezando a formalizar redes en todas partes del mundo (Antonio Velasco Piña en conferencia, Guadalajara).

onde todos me reconhecem como o compadre e sucessor de Argüelles (Entrevista, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Nas redes também estão os usuários ou consumidores esporádicos. Para muitos dos habitantes destes *ashrams*, suas técnicas espirituais têm se convertido em formas semiprofissionalizadas de vender serviços para curar, para controlar os vícios e para combater o estresse. A maioria desses lugares se abrem a certos públicos para oferecer serviços que se tornam uma forma de ganhar a vida. Os clientes ou pacientes podem ser somente esporádicos ou converterem-se em seguidores do movimento. Isso é o que permite que os ensinamentos logo sejam incorporados a outras experiências que geram dinâmicas e hibridizações transculturais criativas. Como veremos mais adiante, essas comunidades também são centros que se convertem em cenários-chave onde são realizadas cerimônias de iniciação ou de convergência do resto da rede.

#### 4. Espaços nodais (*ashrams, ecoaldeias, centros holísticos, comunidades utópicas ou calpullis*)

Cada um desses líderes tem fundado escolas que são, por sua vez, centros holísticos e até lugares de residência que oferecem modelos de vida utópica-alternativa. São espaços onde se materializam uma aspiração ou uma teoria como forma de vida. Além disso, estes centros se convertem em nós dentro da rede, uma espécie de parada, que articulam os percursos de muitos buscadores espirituais. Isso porque, na realidade, são centros de formação.



<sup>8</sup> No original: “Nuestros principales anfitriones fueron los (contactos) de Días Porta, los maizales y los grupos de la línea de Trece Lunas de Arguelles (...). Es una red visible e invisible porque tienen literatura, porque tienen encuentros, porque tienen festivales porque tienen cursos, porque tienen mil cosas pero que permanecen aquí abajo ¿no?, pero pues yo ya tenía todos los datos. Yo me fui con todo un directorio de gente que me dio Días Porta y con los directorios de los movimientos de Argüelles que todos a mí me reconocen como el compadre y sucesor de Arguelles” (Entrevista).

Os principais lugares nodais na geografia da rede são aqueles que convocam diferentes tipos de agentes, de distintas procedências e, sobretudo, são os que se convertem em lugares multifrequentados por pessoas com distintas tradições ou com tradições híbridas. Com frequência, são sedes de encontros espirituais da rede ou eventos-chave e, com isso, contribuem para organizar os ciclos em uma geografia sagrada. Porém, ao mesmo tempo, são espaços-modelo que se reproduzem em distintos lugares. Muitos destes *ashrams* funcionam como lugares-modelo de outras pequenas comunidades que se fundam em distintos lugares do mundo (exemplo disso são o *maises* ao longo do continente americano).

É importante pensar na função dos *ashrams* dentro de uma geografia espacial da rede transnacional da espiritualidade da Neomexicanidade e desta dentro da geografia da rede global de espiritualidades alternativas. Propomos pensar neles como espaços nodais, pois operam como lugares que articulam distintos pontos na rede. Podem funcionar tanto como sedes de organizações (por exemplo, o *Teopantli Kalpulli* de Días Porta é espaço-modelo de muitos *calpullis*), como lugares de confluência (*Huehucoyotl* é a sede dos conselhos de visões), e até mesmo, por vezes, se apresentam como espaços aos quais foram atribuídos um mito fundacional (por exemplo, a casa dos Reyes onde, supostamente, nasceu Regina e onde comparecem seus seguidores de distintos lugares do mundo a cada 2 de outubro para recordar sua morte sacrificial). De forma geral, são considerados como lugares sagrados que promovem um destino profético (uma espécie de terra prometida) ou lugares de relevância por constituírem locais de encontro ritualísticos dentro da tradição.

## 5. Eventos-chave (celebrações e acontecimentos)

Os líderes desse movimento têm sido promotores de eventos-chave na rede, nos quais têm participado diferentes grupos e líderes da Nova Era para projetar atividades ritualísticas que servem para elevar o nível

necessário de consciência para propiciar a mudança de época: o despertar da era de aquário.

### Nas palavras de Domingo Días Porta, uma cerimônia

é um ato ritualístico onde o tempo e o espaço adquirem uma significação profunda, mística e sagrada. A cerimônia perpetua um acontecimento vital, uma presença ou ato humano transcendente, um fato ou ciclo da natureza; assim, o passageiro se faz permanente, porque expressa os valores perenes do espírito (Domingo Días Porta “¿Qué es una ceremonia?” en Carrillo Armenta 2010).<sup>9</sup>

Esses eventos foram acontecimentos que permitiram a convergência de diferentes ramificações (líderes espirituais da Nova Era e da Mexicanidade, buscadores de alternativas, homens-medicina e guardiões de distintas tradições indígenas, artistas e autores vanguardistas) para poderem ser reconhecidos como parte de uma rede ibero-americana de espiritualidade alternativa (De la Torre y Gutiérrez Zúñiga 2012a). Cabe mencionar os seguintes eventos-chave que constituem cerimônias de encontro dos distintos grupos ativos na rede:

A *Convergencia Armónica*, realizada em 1989, aconteceu em uma data na qual se reuniram, ao redor do mundo, os seguidores de uma nova consciência em uma mesma cerimônia multissituada e simultânea em 50 pontos distintos do planeta. Este evento conseguiu reunir uma plateia de cerca de 20 milhões de pessoas, identificadas com a busca de novas alternativas ao modelo e ao sistema de vida ocidental.

*Las marchas cósmicas* foram promovidas por Antonio Velasco Piña e realizadas em 2 de outubro de 1988. O percurso foi da Praça de Tlaltecólco até o Zócalo, Praça da Constituição na Cidade do México. Foram



<sup>9</sup> No original: Es un acto ritual en el que el tiempo y el espacio adquieren una significación profunda, mística y sagrada. La ceremonia perpetúa un acontecimiento vital, una presencia o acto humano trascendente, un hecho o ciclo de la naturaleza; así, lo pasajero se hace permanente, porque expresa los valores perennes del espíritu (Domingo Días Porta “¿Qué es una ceremonia?” en Carrillo Armenta, 2010).

realizadas para comemorar o 20º aniversário do sacrifício de Regina, personagem que morreu durante a matança dos estudantes no México em 1968, protagonista de um romance-histórico (Velasco Piña, 1987). As *marchas* são realizadas a cada 20 anos.

*Los Consejos de Visiones* são organizados desde 1990 por Alberto Ruz, líder das Tribos Arco-Íris, e onde ocorrem encontros de anciões, líderes espirituais, gurus e cientistas reconhecidos como os “guardiões da terra” (Ruz Buenfil, 2012).

O *Canto de la Tierra (MAIS)* é celebrado desde 1989 e tem sido um exitoso difusor latino-americano dos rituais *lakotas* entre *ashrams* vinculados à Grande Fraternidade Universal e o MAIS do México (García Medina, 2010).

*Las Jornadas de Paz y Dignidad*, organizadas desde 1992, são corridas de revezamento<sup>10</sup> intercontinentais iniciadas no marco da comemoração dos quinhentos anos do descobrimento da América. São realizadas a cada quatro anos e têm o objetivo de promover o reencontro com os “irmãos originários” de todo o continente americano. São a principal cerimônia do movimento Caminho Vermelho, hoje presente em diferentes países da América.

Em conjunto, essas celebrações constituem eventos-chave que articulam o espaço e a temporalidade da rede. Os eventos-chave têm as seguintes características e cumprem com as seguintes funções: são cerimônias de confluência e articulação de eventos distantes na rede e são ecumênicos, ou seja, plurinacionais, plurirreligiosos, multicircuitos e multiculturais (podem ser rituais, festejos, conselhos, marchas, feiras, workshops, *meetings*, congressos ou encontros), nos quais se reúnem praticantes da tradição de diferentes nacionalidades, estratos sociais, origens étnicas e com distintas orientações ideológicas e estéticas.

//////////

<sup>10</sup> No original “carrera de relevos”. Trata-se de uma corrida de revezamento que dura em torno de sete meses e perpassa diversos países do continente americano com o objetivo de resgatar os locais sagrados dos ancestrais indígenas. (N. do T.)

Alguns eventos-chave, como *Los Consejos de Visiones* e o *Canto de la Tierra*, são megaeventos nos quais coincidem diferentes agentes da rede em um mesmo lugar e tempo, além de contribuírem ao fato de que, ao praticar uma mesma cerimônia, os agentes possam imaginar-se como parte de uma comunidade ampliada ou rede.

Muitos desses eventos-chave puderam acontecer de maneira única, como foram *Las Jornadas de Paz y Dignidad* para comemorar o polêmico Descobrimento da América, mas marcaram o início de um projeto multinacional que estrutura o Caminho Vermelho. Vários dos eventos-chave são os cenários nos quais ou se estabeleceram alianças entre distintos grupos ou líderes de grupos (exemplo disso é o *Canto de la Tierra*, que inicia a aliança entre homens-medicina da *Native American Church* e líderes da mexicanidade), ou se empreenderam projetos transnacionais (como são *Los Consejos de Visiones* que pretendem dar voz aos chefes indígenas de diferentes comunidades do continente) ou se firmaram acordos que marcam uma agenda conjunta a nível global.

Em outros casos, podem representar datas-chave de celebrações que marcam ciclos e nas quais confluem diferentes grupos transnacionais (um exemplo disso são as *Marchas Cósmicas*, celebradas a cada 20 anos, que convocam os seguidores de Regina em diferentes lugares do mundo). Em geral, os eventos-chave contribuem para tradicionalizar os novos movimentos espirituais, marcando um reencontro cíclico e repetitivo. Também podem estabelecer celebrações ritualísticas que ocorrem de forma simultânea em um espaço disperso e descontínuo (como foi a *Convergencia Armónica*, celebrada em 50 países de forma simultânea, e também as danças universais ou toque de tambores intercontinentais).

## 6. O mercado e a projeção global pelas indústrias culturais

Por outro lado, a Neomexicanidade foi incorporada como marca de uma importante indústria cultural que promove sua oferta e consumo em um

supermercado espiritual Nova Era, com um selo autóctone e ancestral, e que é intercambiável com outros produtos que oferecem vias para a superação pessoal, para a cura, para uma vida sã, para a reconexão com o *self* sagrado e para alcançar harmonia (Hanegraaf, 2001). A literatura não apenas circula entre os círculos fechados dos discípulos, mas os livros também são, em geral, *best-sellers* mundiais. Suas mensagens são vendidas nas estantes esotéricas e de superação pessoal, onde se comercializam e consomem diferentes produtos medicinais que são utilizados nos circuitos de terapias alternativas, magia e esoterismo (Gutiérrez, 2008).

Também é importante mencionar que, se no princípio as cerimônias eram praticadas pelos seguidores da Neomexicanidade, hoje contribuíram para instituir tendências massivas. Por exemplo, as cerimônias de recarga de energia nos centros cerimoniais pré-hispânicos são hoje um fenômeno de massas, ao qual comparecem milhões de pessoas, além de terem se convertido em um atrativo do turismo cultural. Aliado a isso, a dança, os cantos sagrados, a ingestão de peiote e o banho de temazcal não apenas são praticados pelos simpatizantes da Neomexicanidade, mas também foram extraídos de seus contextos rituais e são cada vez mais oferecidos em circuitos de consumo terapêutico, turístico e em spas. Muitos hotéis que promovem um turismo com selo espiritual, natural ou étnico oferecem essas práticas como técnicas ancestrais para o relaxamento e o embelezamento. Tanto o temazcal como a ingestão do peiote são apreciados por seu valor terapêutico para sair dos vícios, da depressão ou de afetações psíquicas. Por outro lado, a dança foi incorporada como uma técnica corporal que reativa a mente e equilibra o espírito e é ministrada não apenas em centros holísticos, mas também em escolas e em academias (como o yoga). Finalmente, os cantos tradicionais também foram incorporados em centros holísticos como técnicas psicocorporais.

Por último, a indústria cultural do entretenimento retomou a mística e a estética da Neomexicanidade para promover videoclipes de cantores e cantoras pop. Entretanto, sua máxima difusão foi nos canais que

produzem documentários, como o History Channel, o Discovery Channel, o National Geographic e o Canal Infinito. Um caso emblemático foi a difusão global e massiva da crença na mudança da Era Maia, mais conhecido como Apocalipse Maia, que gerou o fenômeno global e massivo da 2012 (Sitler, 2006) e ajudou a propagar as teorias de José Argüelles baseadas em prever uma mudança de época anunciada pelos maias, que aconteceria em dezembro de 2012. Esse assunto foi documentado por Lizette Campechano (2013). A mediação da indústria cultural exponenciou o raio de alcance global e massivo das narrativas, símbolos e rituais da Neomexicanidade, que hoje circula e é consumida para além dos circuitos esotéricos das espiritualidades Nova Era.

## Conclusões

De umas décadas para cá, contextualizados nas dinâmicas de globalização e mercantilização, vários dos rituais próprios da mexicanidade, anteriormente considerados como parte do patrimônio étnico nacional, foram colocados em circulação em redes e circuitos globais que transnacionalizam a espiritualidade conhecida pelo selo de Neomexicanidade ou Nova Mexicanidade.

Os vetores de transnacionalização foram originalmente postos em circulação pelos trajetos dos buscadores espirituais do neoxamanismo, posteriormente reconhecidos como xamãs, gurus ou líderes. Essas pessoas valorizam a espiritualidade indígena como uma alternativa às religiões judaico-cristãs, por estar vinculada à sacralização da natureza, ser herdeira de conhecimentos ancestrais, manter relações com os antepassados, promover cerimônias pagãs que se conectam com a natureza, além de ser geradora de conexões holísticas entre o cosmos e o *self* individual e ser guardiã de rituais de sacralização de plantas de poder (como o peiote dos indígenas da América do Norte e os cogumelos mágicos de María Sabina). Esses elementos, atualmente, são muito apreciados, não apenas por mexicanos que buscam se reconectarem com suas raízes,

mas também nos circuitos globais esotéricos, neopagãos, de espiritualidade Nova Era, de formação dos neoxamãs, de terapias de psicologia alternativa, de ambientalismo, de serviços de saúde e bem-estar com a marca holística e alternativa, e nos círculos femininos.

É importante pensar que a Neomexicanidade transnacionalizada é, antes de tudo, um intercâmbio transcultural entre agentes em busca de espiritualidades que levem ao reencontro com as suas origens: a linhagem ancestral, a natureza, o Grande Espírito, o indígena místico e as sabedorias ancestrais. Por isso, sua primeira ambivalência é que, na medida em que são geradoras de hibridizações transculturais, são também gérmen da invenção e do resgate do autêntico, do essencial, do tradicional e do perene.

Isso chama a atenção para o estudo da transnacionalização da mexicanidade, pois, diferentemente de outras religiões diaspóricas, esta é multivetorial. Não necessariamente acompanha os fluxos de migração, tampouco segue a proposta dos empreendimentos missionários (ao estilo das igrejas evangélicas ou pentecostais) que buscam expandir sua fé pelo mundo. Na realidade, deve ser entendida de forma multivetorial. Em outras palavras, pela conjugação de múltiplos processos de circulação de bens religiosos, como os meios de comunicação, as tecnologias da informação, as indústrias culturais e o mercado, ou os intercâmbios simbólico-religiosos (gerados pelo efeito polinizador dos buscadores espirituais), os circuitos terapêuticos e as próprias redes e circuitos de praticantes de espiritualidades alternativas.

Esse efeito multivetorial torna complexas as análises culturais, pois transforma os valores, tornando-os ambivalentes, o que nos obriga a analisar suas táticas ou suas próprias formas de atuação dentro da mesma lógica do funcionamento de redes complexas. Deve-se considerar com atenção os efeitos dos buscadores espirituais, não somente como artífices de menus individualizados, mas, primordialmente, como polinizadores transculturais de espiritualidades híbridas. É necessário, ainda, refletir sobre o papel que recebem os *ashrams* ou *calpullis* como

espaços de confluência dos indivíduos que circulam na rede, como modelos das comunidades holísticas (mais como uma espécie de franquias do que filiais) que operam como vasos condutores da circulação de adeptos, aprendizes e mestres. Além disso, analisar o papel das cerimônias, não só como *happenings*, mas também como eventos-chave que instituem memórias, ciclos e horizontes a serem realizados no mapa do tempo. Isso nos ajuda a dar uma dimensão social a um acontecimento que, por ser espiritual, na maioria das vezes é tratado como um fenômeno meramente individual.

Podemos identificar os sentidos e usos de valor que imprimem os diferentes circuitos especializados por onde são distribuídos, consumidos e utilizados os rituais da Neomexicanidade. Por exemplo, o turismo promove o intercâmbio do valor da experiência, gerando sensações momentâneas, enquanto que o mercado imprime um valor de comércio e serviços, mediado pelo intercâmbio monetário. O circuito terapêutico confere eficácia simbólica ligada à cura holística mente-corpo-alma; o psiconauta instrumentaliza as cerimônias em torno de plantas de poder como passagem a formas alternativas de consciência; o xamânico oferece uma iniciação e um reencontro com a magia; o painidianista oferece uma via como recuperação da linhagem étnica e a reconexão com a natureza; o neopagão se articula com valores ambientalistas em redes de organizações não governamental que promovem a ecologia planetária; o ecofeminista é uma via para empoderar as mulheres e sacralizar a feminilidade da natureza. O circuito do espetáculo projeta imaginários e fantasias, e o Nova Era é uma matriz holística que espiritualiza as tradições vernáculas. Dessa maneira, o interesse em estudar os vetores de transnacionalização não tem relação apenas com as rotas espaciais que conectam territórios transnacionais, mas também, sobretudo, com os circuitos mediante os quais se transportam, se distribuem e se utilizam símbolos, narrativas, rituais, estéticas, agentes especializados, saberes provenientes de tradições religiosas com raízes indígenas mexicanas em

diferentes contextos culturais que transformam os valores de uso e ressignificam as práticas.

A Neomexicanidade não se reduz a um sentido de intercâmbio monetário, mesmo que o mercado seja, atualmente, um dinamizador de tal transnacionalização que tem catapultado elementos próprios do movimento para um consumo massivo e global de seus rituais e narrativas próprias. Por exemplo, se antes a comercialização religiosa era motivo de estigma e charlatanice, sua intermediação pode contribuir ora para significar prestígio, ora para banalizar o sentido transcendente de um bem religioso. O mercado, como as indústrias culturais, tem exponenciado a atração em direção a estes tipos de fenômenos espirituais, que são ao mesmo tempo terapêuticos, turísticos, empresariais ou de consumo. Por isso, mais que tendências, é necessário considerá-los como mediações de uma dinâmica multivetorial, que em seu conjunto constitui um eixo de transnacionalização do movimento espiritual da Neomexicanidade, universalizando o étnico, etnizando o global ou universal, mercantilizando o espiritual, bem como espiritualizando as mercadorias.

## Entrevistas

Velasco Piña, Antonio

2008 Entrevistado por Renée de la Torre 17 de mayo, Guadalajara.

2008 alocución general en la presentación de su libro *El retorno de lo Sagrado*, 17 de mayo, Guadalajara.

Patrcia Ríos Dungan

2005 Entrevistada por Renée de la Torre, Guadalajara.

Ruz, Alberto

2012 Entrevistado por Renée de la Torre y Cristina Gutiérrez Zúñiga, 2, 3 y 4 de octubre, Tepoztlán.

“Joven Francesa”

2012 Entrevistada por Renée de la Torre y Cristina Gutiérrez Zúñiga, 1 de octubre, Aldea de los Reyes, Estado de México.